

O MUSEU COMO ESPAÇO INTERDISCIPLINAR, SIMBÓLICO E EDUCATIVO

THE MUSEUM AS INTERDISCIPLINARY ENVIRONMENT, SYMBOLIC AND EDUCATIVE

Margarete Zacarias Tostes de Almeida¹⁵⁷

Maria Amélia Gomes de Souza Reis¹⁵⁸

Resumo: Como um espaço privilegiado na produção de conhecimento, o museu, nesta perspectiva, para além das exposições, carrega como riqueza, ações de preservação, investigação e comunicação dos bens culturais. O estudo pretendido justificou-se, primeiramente, pela necessidade de compreender a constituição holística do museu, desdobramentos e tendências sobre a representação simbólica no museu na construção e registro da memória social, buscando alternativa para a não linearidade do saber, para a descolonização epistemológica, no museu como espaço educativo. Para tanto, buscou-se entender as relações emblemáticas e o poder que as circunscrevem no espaço museológico. Objetivou-se, neste estudo, investigar aspectos relevantes acerca da representatividade social inscrita no alegórico, contextualizando o museu como espaço interdisciplinar, de consagração do poder simbólico na construção e registro da memória social, bem como educativo. Como aporte teórico, defendeu-se a utilização de alguns conceitos selecionados do corpo de doutrina – Bourdieu (2011), Lima (2008), Scheiner (2010), Santos (2008), entre outros. O Resultado do estudo revelou uma nova perspectiva sobre o pensar da Memória Social ou Coletiva, direcionando o foco para o mundo materializado dos registros em espaços museológicos, uma vez que remete à compreensão do sentido cultural e à preocupação de que há necessidade de se salvaguardarem informações numa dimensão de natureza material e imaterial como patrimônio cultural de um povo. Em conclusão, o panorama aqui deslindado indicou novos olhares sobre o museu e suas inscrições simbólicas e educativas no que tange à necessidade de responder aos atuais desafios em relação às questões da sociedade, que trilha o caminho incessante da transformação social.

Palavras-chave: Museu. Interdisciplinaridade. Patrimônio. Educativo.

Abstract: As a privileged space in the production of knowledge, the museum, in this perspective, beyond to exhibitions, carries as wealth, preservation actions, research and communication of cultural property. The intended study was justified, first, by the need to understand the holistic formation of the museum, developments and trends on the symbolic representation in museum construction and registration of social memory, seeking an alternative to the non-linearity of knowledge, to the epistemological decolonization, the museum as an educative environment. To this end, we sought to understand the relationships and the iconic power that circumscribe the museum space. The objective of this study was to investigate relevant aspects about the social enrolled in an allegorical representation, contextualizing the museum as an interdisciplinary space, the symbolic power of consecration in the construction of social memory and record, as well as educational. As a theoretical contribution, defended the use of selected doctrinal concepts - Bourdieu (2011), Lima (2008), Scheiner (2010), Santos (2008), among others. The results of the study revealed a new perspective on the way of thinking about the Social or Collective Memory, directing the focus to the materialized world records in museum environment, since it refers to understanding the cultural meaning and the concern that there is need for securing information a dimension of

¹⁵⁷ Mestre em Museologia e Patrimônio PPGMUS UNIRIO/MAST.

¹⁵⁸ Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio UNIRIO/MAST.

material and immaterial nature as cultural heritage of a people. In conclusion, the study that was done here has indicated new perspectives about the museum and its educational and symbolic inscriptions regarding the need to respond to the current challenges regarding issues of society, which track the relentless path of social transformation.

Keywords: Museum. Interdisciplinarity. Heritage. Educative.

1 INTRODUÇÃO

Como um espaço privilegiado na produção de conhecimento, o museu, nessa perspectiva, para além das exposições, carrega como riqueza, ações de preservação, investigação e comunicação dos bens culturais.

Contribuindo de forma veemente para a definição dos fundamentos da Teoria da Museologia, Stránsky (1987, p.294) diz que o museu não pode ser considerado como um fim em si mesmo, senão como um mediador que possibilita a relação entre a pessoa e a realidade; complementa dizendo que o museu reflete a memória parcial das pessoas nas diferentes formas históricas de se apresentar e se representar.

Lima (2008, p.33) salienta e reitera em Chartier (1990) que “compreendidas sob a designação e interpretação unificada de forma simbólica, merecem ser referidas a todas as categorias e todos os processos que constroem o mundo como representação”. No que concerne à função simbólica, a linguagem simbólica habilita o ser humano a faculdade de representar o real e neste pressuposto, Geertz (1989 apud LIMA, 2008, p. 34) diz que a representação corresponde a “diferentes modalidades de apreensão do real”, produzidas pelas interpretações da Cultura.

Por conseguinte, Bourdieu (2011, p. 13) afirma que a contribuição singular de uma dimensão do real que, em si mesma, não possui realidade alguma, através da cultura efetiva-se em forma de símbolos:

[...] a cultura só existe efetivamente sob forma de símbolos, de um conjunto de significantes/significados, de onde provém sua eficácia própria, a percepção dessa realidade segunda, propriamente simbólica, que a cultura produz e inculca, parece indissociável da função política. Assim como não existem puras relações de força, também não há relações de sentido que não estejam referidas e determinadas por um sistema de dominação [...] porém, importa identificar as relações de sentido, modalidade com que as relações de força se manifestam[...].

Neste contexto, Chauí (2006, p. 112) corrobora e acrescenta que, “um símbolo, é uma coisa que se representa no lugar de outra e presentifica algo ausente”. Neste sentido, complementa argumentando que o símbolo representa a cultura: “Dizer que a cultura é invenção de uma ordem simbólica é dizer que nela e por ela os humanos atribuem à realidade significações novas por meio das quais são capazes de se relacionar com o ausente”.

Nesta esteira, o estudo pretendido justifica-se, primeiramente, pela necessidade de compreender a constituição inter e transdisciplinar do museu, desdobramentos e tendências sobre a representação peculiar no museu na construção e registro da memória social, buscando alternativa para a não linearidade do saber, para a descolonização epistemológica. Para tanto, urge medidas da pesquisadora no sentido de entender as relações simbólicas e o poder que as circunscrevem no espaço museológico.

Objetiva-se, neste estudo, investigar aspectos relevantes acerca da representatividade social inscrita na rede de figurações artística da sociedade real ou imaginária em diferentes lapsos de tempos e espaços, contextualizando o museu, portanto, como lócus que, devido à sua própria essência, encarrega-se de demonstrar instâncias de consagração do poder simbólico na construção e registro da memória social, bem como aponta veios para o irromper dessas estruturas há muito genderizadas na tradição cultural dos povos.

Nesta proposta de discussão sobre Museologia e Educação, defende-se a utilização de alguns conceitos selecionados do corpo de doutrina – Bourdieu (2011), Lima (2008), Scheiner (2010), Santos (2008), entre outros – servem de arcabouço para esta pesquisa, como linha-mestra de leitura uma abordagem interdisciplinar, uma vez que o campo do conhecimento traz em seu bojo tal constituição.

Elegeu-se, como tema-título balizador das discussões, o museu como espaço interdisciplinar, simbólico e educativo: releitura e reflexões por creditar à “função de representação” (CHARTIER, 1990 apud LIMA, 2008, p.36) “ou simbolização, qualidade que é atribuída aos objetos pelo campo da Cultura, o que permite caracterizá-los tendo a base conceitual repousando na ordem simbólica” (LIMA, 2008, p.36).

Far-se-á uma pesquisa de cunho qualitativo, de caráter descritivo-analítico, segundo fontes de dados bibliográficas.

2 MUSEU: UM ESPAÇO MISTO DE INTERLOCUÇÃO

A palavra patrimônio faz parte da história das sociedades por carregar em si o sentido valorativo de herança, seja de caráter material (tangível) ou imaterial (intangível). Portanto, “a museologia é uma ciência social que está intimamente ligada às disciplinas científicas da documentação da memória, contribuindo para uma melhor compreensão da sociedade” (STRÁNSKY, 1987, apud HERNÁNDEZ, 2006, p. 75).

O elo entre a museologia e patrimônio e os avanços no campo do desenvolvimento humano são construídos pela estreita associação inter, multi e transdisciplinar, que possibilitam comunidades híbridas e terrenos para, num espaço misto de interlocução, de

ordem heterogênea, estratégias de negociação, formas e rupturas de saberes que permitem a dialogicidade ou a comunhão dos saberes.

Pinheiro (2012, p.11) introduz reflexões epistemológicas sobre a temática multi, pluri, inter, e transdisciplinar e traz no bojo de seus estudos o reconhecimento da complexidade e dificuldades demarcatórias conceituais. Entretanto, destaca a abordagem de Clerk (1992 apud KLEIN, 1996), que “disciplinaridade é o “primeiro princípio” sobre o qual “tudo é construído” ou é inerente a todas essas palavras pela raiz comum”. Pombo (2005 apud PINHEIRO, 2012, p. 11) salienta que

[...] por detrás destas quatro palavras, multi, pluri, inter e transdisciplinaridade, está uma mesma raiz - a palavra disciplina. Ela está sempre presente em cada uma delas. O que nos permite concluir que, todas elas tratam de qualquer coisa que tem a ver com as disciplinas. Por outro lado, “o sufixo trans supõe um ir além, uma ultrapassagem daquilo que é próprio da disciplina.

Estabelecer uma interação entre duas ou mais disciplinas, resultará em intercomunicação e enriquecimento recíproco e, conseqüentemente, em uma transformação de conhecimentos em uma modificação de conceitos. “As disciplinas ou áreas de conhecimento podem interagir em níveis de complexidade diferentes” (FARIA; SONAGLIO, 2013, p. 71)

A multidisciplinaridade refere-se à estrutura tradicional de currículos escolares, sob uma perspectiva de fragmentação disciplinar, recorrendo-se a informações de várias disciplinas para construir conhecimentos, sem a preocupação de interligar as disciplinas entre si (MENEZES, 2002).

Articulações conceituais acerca da interdisciplinaridade surgiram na Europa em meados da década de 60, apregoando a urgência da discussão de um novo paradigma de ciência e de conhecimento. No Brasil, nas décadas de 60 e 70 com a intenção de estruturação conceitual básica. Nas décadas de 80 e 90 circulava movimentos epistêmicos que demonstrassem o teórico a partir do prático e na contemporaneidade, um intensa influência na legislação e nas propostas curriculares, sobremaneira nas tendências do discurso e nas práxis de ensino. (GARRUTTI; SANTOS, 2004).

Carlos (1995, p. 12) caracteriza interdisciplinaridade como

presença de uma axiomática comum a um grupo de disciplinas conexas e definida no nível hierárquico imediatamente superior, o que introduz a noção de finalidade [...] cada uma dando sua contribuição, mas guardando a autonomia e a integridade de seus métodos, de seus conceitos-chaves e de suas epistemologias[...].

A interdisciplinaridade configura-se, portanto como um instrumento metodológico que proporciona a interligação de conhecimentos, atribuindo valor significativo à soma e ao

comprometimento de uma disciplina com a outra, sem acarretar superposição na prática de união de saberes.

Nessa esteira, emerge a transdisciplinaridade, que segundo Carlos (1995) nasce no campo epistemológico e representa um nível de integração disciplinar além da interdisciplinaridade.

A terminologia nasce em 1970, quando Jean Piaget postula ao discursar em um congresso sobre interdisciplinaridade, que havia necessidade de transpor o nível interdisciplinar. (BRASIL, 2002). É complementar da aproximação disciplinar; possibilita uma visão aberta na medida em que ela extrapola os limites das ciências exatas por seu diálogo e sua reconciliação, não somente com as ciências humanas, mas também com a arte, literatura, poesia, e a experiência espiritual.

(CARTA DA TRANSDISCIPLINARIDADE, artigo 5º).

Nesse pressuposto, Lima (2007) trabalha a configuração do campo museológico sob a perspectiva do “cruzamento de fronteiras”, com referência à Museologia como campo do saber, de formação híbrida, espaço fértil para leituras que privilegiam pontos de interseção entre áreas distintas do conhecimento, indicando os museus, arquivos e bibliotecas como locais para estudo e guarda de bens culturais (patrimônio). Segundo a autora, do processo de articulação emerge o reconhecimento do museu como organismo estreitamente ligado à informação sob a perspectiva da integração nos meandros da ciência, destacando o “conhecimento fronteiro” como processo que se constitui no limiar convergente, espaço de interseção entre as áreas/disciplinas envolvidas no campo da Ciência da Informação e da Museologia, descortinando perspectivas que permitem expressar o modo pelo qual a relação se dá a conhecer ou realizar.

Ainda neste viés, ampliando olhares sobre a abordagem interdisciplinar entre a Ciência da Informação e a Museologia, Pinheiro (2012), corrobora a interrelação com indicadores desse movimento em pesquisas e ao buscar novas referências epistêmicas das ciências humanas num olhar crítico sobre a colonização do conhecimento; segundo o autor, uma metáfora da exploração e exclusão social resultante da relação global capitalista, da reprodução de estereótipos e maneiras de discriminação, que, através de uma divisão de concepções e idéias, organizam-se e gerenciam-se campos de saberes grupos de pesquisa, cursos, disciplinas, publicações, associações e eventos técnico-científico das duas áreas no Brasil.

O percurso histórico do museu registra que até os anos 1970, os museus eram vistos como tradicionais, institucionais, e que a partir de ações e reflexões com base nas referências

da Conferência de Santiago (1972), receberam novos olhares e muitas mudanças no que tange a concepções e uma lógica epistêmica que o constitui como campo do conhecimento, cuja vocação privilegia um complexo sistema teórico-metodológico em diferentes intercruzamentos acadêmicos. Contudo, nesse período, em face às mudanças na sociedade como um todo, a prática da Nova Museologia já era discutida em um processo gradual, com ênfase no papel social dos museus e, mais especificamente, em seu papel pedagógico e sua relação com o público.

Para Scheiner e Soares (2010, p. 2), [...] “Não há dúvidas de que o Museu está em movimento. O conjunto de transformações que o vêm afetando nos últimos anos levou os teóricos da museologia a repensarem a sua própria origem, sua função e suas formas” [...] Os autores reportam os novos olhares acerca da importância e do significado inter e transdisciplinar entre a museologia e outros campos de saber, para preservações através da informação, em prol da memória, (re)construções, transformações e desenvolvimentos humanos:

[...]Relevantes, ainda, nesta evolução do museu moderno, os *Heimatmuseen*, foram, mais de dois mil deles, abertos na Alemanha sob o regime nacional-socialista, com o objetivo de exaltar o sangue, a terra e a raça. Estes eram museus regionais, “museus de pequena pátria”, museus-microcosmos, que valorizavam a riqueza de uma região, a antigüidade de uma indústria, o gênio de um personagem local; estavam destinados a marcar e a confirmar a ligação à grande pátria, ao solo nacional[...].Em outras palavras, o caráter social do museu se faz presente como jamais se vira antes: sua função era a de estabelecer no indivíduo a idéia de nação a partir da sua realidade local.[...] Mais uma etapa desta evolução foi definida no momento da criação, na Dinamarca, em 1964, do Museu de Lejte, fundado sobre sítio arqueológico. Neste caso o museu se torna atelier, e já não se trata apenas – como os museus a céu aberto – “de apresentar os objetos a seu meio, mas de transformar[...] Nestes novos modelos irá se expressar a mudança de sentido pela qual passa o museu – que antes era orientado para o objeto e agora se volta para a sociedade e as experiências individuais, caracterizando o que alguns chamaram de “*museu social*” [...]Desde o momento em que o termo „ecomuseu” foi criado, sem que este apresentasse, de fato, um significado objetivo, passando pelo primeiro idealizador do conceito, Georges-Henri Rivière, chega-se à ideologização de um conjunto de práticas que já vinham se desenvolvendo ao longo do século XX e a uma ampliação efetiva da prática museológica. Esta tendência, que permeou a imaginação de muitos teóricos nas últimas décadas, deu origem ao que foi chamado de Nova Museologia. Não se discute, porém, que um dos marcos do estabelecimento das novas idéias se deu em Santiago, no Chile, em 1972, na Mesa Redonda que abordou os problemas dos museus na América Latina. O que ficou definido, porém, na tentativa de se pensar um museu ideal para a região, foi o modelo de um *museu integral*, que se preocupasse de forma total com o indivíduo humano[...].

Neste contexto, as abordagens históricas supramencionadas reforçam a indissociável relação entre a Ciência da Informação e a Museologia como campos de estudos que se

constituem em uma imbricada e híbrida configuração, desenvolvidas num aparato social ancorado na cultura e assegurado pelo capital simbólico, resguardado pelo museu em documentação e informação. Pinheiro (2012, p.14) ressalta que

a interdisciplinaridade da Museologia e Ciência da Informação passa também pela informação em museus, especialmente a informação em arte, nascida de estudos de museus de arte e seus respectivos sistemas de redes de informação, bem como da representação do objeto museológico.

Para a autora supramencionada, o fator de convergência se ancora nas tecnologias de informação e comunicação (TIC), que no formato social globalizado abarcam todos os setores da sociedade, fomentando a chamada Sociedade da Informação. Neste contexto, “a obra de arte como objeto museológico é fonte de informação” (LOUREIRO, 1998, apud PINHEIRO, 2012, p 18) e informação em arte é interdisciplinaridade entre Ciência da Informação e Museologia” (LIMA, 2003 apud PINHEIRO, 2012, p. 18).

Num panorama de interlocução entre a Museologia e novas referências epistêmicas das ciências humanas, oportuniza-se novos solos férteis ao desenvolvimento sócio-cultural da humanidade em sua trajetória existencial.

3 O MUSEU COMO ESPAÇO DE CONSAGRAÇÃO DO PODER SIMBÓLICO: BENS CULTURAIS A SERVIÇO DA MEMÓRIA SOCIAL

Refletir sobre o museu como espaço de consagração do poder simbólico, traz à baila, o reconhecimento da complexidade que permeia o referido campo, no que tange às variadas modalidades de significados originados da trajetória humana ao longo de sua cronologia histórica. Entretanto, é significativo compreendê-lo como espaço social articulado por bens culturais a serviço da memória social.

Museologia como parte das “Ciências do Impreciso” ou uma disciplina cujos fundamentos podem ser buscados na Filosofia” (DELOCHE, 1989 apud SCHEINER, 2012) remete ao pressuposto, de que cada objeto tem a sua historicidade de acordo com o contexto no qual está inserido, e a trama que o permeia, alicerça o processo de reconhecimento dos valores de cada cultura. Como espaço peculiar, Lima (2008, p. 181) ressalta que a

Museologia, campo do conhecimento compreendido sob forma de espaço regionalizado da produção simbólica, zona particularizada no domínio específico da realidade social, refere-se às manifestações das práticas e representações culturais. Identifica-se aos campos de significações da cultura que se apresentam conjugando mensagens e bens socialmente ambientados e transmitidos. Estes, por sua vez, são reconhecidos como instrumentos de conhecimento e de construção do mundo dos objetos; igualmente, aos de comunicação; e também aos de legitimação de poder.

Reitera-se em Bourdieu (1998) a importância do campo representativo como agente primordial na construção do sentido no social. Sob a ótica do autor, o mundo social se articula

em níveis diferentes de realidade que sustentam o mundo social: campos sociais e *habitus*. “A relação entre estas instâncias faz com que as estruturas se tornem corpo, e igualmente, que o corpo se faça estrutura”

a valorização da dimensão simbólica ou ideológica dos processos sociais liga-se seja a uma ênfase quanto às determinações específicas do sistema de dominação, seja a um privilegiamento excessivo dos modos pelos quais o agente ordena a realidade que o envolve (BOURDIEU, 2011, p.11)

Tal constatação corrobora a tese de que o campo de estudo se constitui como uma imbricada configuração de relações, desenvolvidas num aparato social ancorado na cultura e assegurado pelo capital simbólico. Para o autor acima mencionado a malha constituinte da dimensão social traz em seu bojo relações de poder que reproduzem o sistema de dominação interiorizado enquanto subjetividade.

[*habitus*] são sistemas de disposições duráveis e transferíveis, estruturadas e estruturantes do agente. O *habitus* enquanto produto da história orienta práticas individuais e coletivas. Ele tende a assegurar a presença ativa das experiências passadas que depositadas em cada indivíduo sob a forma de esquema de pensamento, percepção e ação, contribuem para garantir a conformidade das práticas e sua constância através do tempo. (BOURDIEU; PASSERON, 1975, p. 25)

Os bens culturais possuem também uma economia, cuja lógica específica tem de ser especificada para escapar do economicismo. Neste sentido, deve-se trabalhar, antes de tudo, para estabelecer as condições em que são produzidos os consumidores desses bens e seu gosto; e, ao mesmo tempo, para descrever, por um lado, as diferentes maneiras de apropriação de alguns desses bens considerados, em determinado momento, obras de arte e, por outro lado, as condições sociais da constituição do modo de apropriação, reputado como legítimo (BOURDIEU, 2008, p. 09).

Nesta perspectiva, sob a lente bourdiana, concepções, valores, ideologias dos grupos sociais dominantes, através de instrumentos estruturados e estruturantes, legitimam a não neutralidade do campo museológico, como espaço de consagração do poder simbólico na construção e registro da memória social.

A memória em sua complexidade compreende o abstrato e o subjetivo, avança no sentido de “reter pensamentos, impressões e conhecimentos adquiridos, definitivamente não pertence ao mundo tangível” (GODOY, 2002, p.51).

Halbwachs (2006 apud DRSKA, 2002, p 38) chama atenção para o fato de que “não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial”. Segundo a autora, a riqueza de detalhes de um determinado, momento, tempo, contextualizado por indivíduos e

grupos, são significados, que permanecem através da memória, mesmo após terem sido extintas da realidade.

O espaço museológico possibilita a “(re)interpretação que se faz do produto cultural ao qualificá-lo na categoria de Bem Cultural é uma atribuição de valor, um juízo elaborado pelo campo cultural que o consigna como elemento possuidor de caráter diferencial” (LIMA, 2008, p.36).

4 O MUSEU COMO ESPAÇO EDUCATIVO E DESCOLONIZADOR

A dinâmica do ato de educar possibilita buscar elementos reflexivos que possibilitem romper com paradigmas hegemônicos, que têm como âncora uma única verdade epistêmica, alçar vãos e olhares em novas direções que favoreçam o desenvolvimento de novos saberes que nutrem o desejo de ir ao encontro das demandas sociais. Em termos históricos, isso amplia ainda mais a trama complexa, muitas vezes paradoxal, em que se assentam a construção e a evolução da humanidade, possibilitando e negando espaço para os anseios sociais. Reconhecer a museologia como um campo do saber em expansão, faz emergir novas fronteiras de aberturas que possibilitem à educação ampliar sua práxis em prol do desenvolvimento cultural e social.

Santos (2008) destaca que

o seminário regional da Unesco realizado no Rio de Janeiro em 1958 é parte de um projeto que tinha como objetivo discutir, em várias regiões do mundo, a função que os museus deveriam cumprir como meio educativo. Em 1971, foi realizada a IX Conferência Geral do Icom, em Paris e Grenoble, com o propósito de discutir o tema “O museu a serviço do homem”, atualidade e futuro- o papel educativo e cultural”. Analisando-se as conclusões elaboradas a partir das reflexões ali realizadas, pode-se identificar vários avanços em torno do papel que o museu deve desempenhar na sociedade, sobretudo se compararmos com a Conferência de 1958.[...] Conforme pode ser constatado nas conclusões da IX Conferência do Icom, os anseios por mudança na instituição museu vieram das mudanças ocorridas na sociedade.

A partir desses pressupostos teóricos, esse novo paradigma acerca da museologia, patrimônio e memória remete ao repensar das identidades socioculturais das ciências e instiga um repensar dos pressupostos de um espaço vivo que promulgue a construção de uma cidadania ativa em contraposição às que produzem opressão e intolerância, colonização, no intento de possibilitar a formação de pessoas com memórias e identidades sobremaneira com capacidade de conviver com a diversidade e a integração com o ambiente, numa relação pluralista, mas com direitos ao ser individual.

Compreender a ação museológica como ação educativa significa, então, caracterizá-la como ação de comunicação, porque é buscando as interfaces das ações de pesquisa, preservação e comunicação que conseguimos nos

distanciar da compartimentalização das disciplinas e, ao mesmo tempo, realizar, na troca, no diálogo, na interação com nossos pares e com os demais sujeitos sociais envolvidos nos diversos projetos nos quais estejamos atuando, estabelecer metas e objetivos que não se esgotam na aplicação técnica isolada, descontextualizada[...] (SANTOS, 2008, p. 137).

Portanto, o museu como espaço educativo, “de vida e não *locus* de contemplação”, como ressaltam Reis e Pinheiro (2009), vão ao encontro das propostas do Seminário de Quebec inspiradas na declaração de Santiago, de que “o museu é uma instituição a serviço da sociedade na qual é parte integrante e que possui em si próprio os elementos que lhe permitem participar na formação das consciências das comunidades a que serve” (UNESCO, 1992 apud SANTOS, 2008, p.85). Scheiner (2009, p. 47) corrobora ao reportar a 9ª Conferência Geral de Museus, realizada em 1971, Grenoble – França, portanto, anterior à Conferência de Santiago, cuja eloquência era que, “a principal meta dos museus é a educação e a transmissão de informação e de conhecimento, por todos os meios disponíveis”.

Torna-se premente para o pesquisador o ato de compreender como cada um se vê em meio às memórias como patrimônio pessoal, cultural e social, num cenário de poder e negociações que compõem esses discursos, que podem ser estudados, indubitavelmente, no campo da museologia. É importante para a educação museológica a percepção de que cada momento histórico deixa marcas indeléveis na sociedade, as quais, com certeza, determinam os padrões de comportamento aceitos numa dada sociedade. Parece lúcido que as discussões sobre esse aspecto conduzam o estudioso a perceber que, a exemplo, o conceito de gênero advém de “caldo de cultura” para assim investir na compreensão e instrumentalização da ação educativa, na busca do reencontro com a subjetividade ofuscada pela pressão exercida pela imposição do saber determinada pela hegemonia do poder colonizador.

Nesta abordagem, o artigo de Lopes (1991, apud VALENTE, 2009, p.93) postula que:

[...] O museu visto enquanto espaço de abertura de novos horizontes culturais para os indivíduos, deveria ser instrumento provocador de novas perguntas e de curiosidades, de maneira diversa do formato curricular da escola.

Vale ressaltar que a educação nos dias de hoje não pode mais se prender ao contexto estritamente escolar. Partindo deste pressuposto, lança-se o olhar sobre a cultura, enfatizando os espaços de educação não formal, como museus e outros centros de cultura como *locus* de desenvolvimento humano intersubjetivo e descolonizador, por possibilitar o desenvolvimento de uma linguagem crítica comum à descolonização “rumo a um mundo em que o poder seja socializado sem deixar de se manter aberto a uma diversidade de formas institucionais de socialização do poder” (GROSFOGUEL, 2012, p.85).

Ampliando este olhar, Santos (2008) ressalta que compreender a ação museológica como ação educativa significa, então, caracterizá-la como ação de comunicação e informação, capaz de contribuir para que o cidadão possa ver e expressar a realidade, qualificada como patrimônio cultural, expressar-se e transformar a realidade, objetivando a construção de uma nova prática social.

5 RESULTADOS/DISCUSSÃO

A crescente complexidade social traz à baila a existência de um mundo num franco processo de interação. Ao se pensar a formação do campo museológico a partir do interstício, da interseção dos outros campos disciplinares, rompe-se paradigmas já estabelecidos e abre lugar para novos paradigmas no que tange à valorização e reconhecimento do espaço museológico para o desenvolvimento de referências sociais. Com inspiração em Japiassu (2006), salienta-se que num cenário de interlocução entre a Museologia e novas referências epistêmicas das ciências humanas, oportuniza-se novos territórios férteis ao desenvolvimento sócio-cultural da humanidade em sua trajetória existencial.

Pensar a Memória Social ou Coletiva direcionando o foco para o mundo materializado dos registros em espaços museológicos remete à compreensão do sentido cultural e à preocupação de salvaguardar informações de natureza material e imaterial como patrimônio cultural de um povo.

O estudo do alegórico é necessário para que se possa ampliar a compreensão sobre a cultura que permeia o imaginário e o cotidiano social. O campo de estudo da Museologia e do Patrimônio se constitui como uma imbricada configuração de relações, desenvolvidas num aparato social ancorado na cultura e assegurado pelo capital simbólico.

O museu como espaço educativo, “de vida e não *lócus* de contemplação”, como ressaltam Reis e Pinheiro (2009), vão ao encontro das propostas do Seminário de Quebec inspiradas na declaração de Santiago, de que “de informação e de conhecimento, por todos os meios disponíveis”.

Nesta esteira da Educação e da Museologia, ao introduzir-se na análise de que ambas se encontram histórico-socialmente condicionadas, segundo Santos (2008, p. 129) “assumem em cada período histórico características que são fruto das ações do homem no mundo, fazendo que possamos considerá-las como possibilidade e não como determinação”. Tal reconhecimento faz emergir a necessidade de contextualizá-las,

[...]situando-as no tempo e no espaço, compreendendo-as como ação social e cultural[...] A análise da educação, portanto, está sendo realizada compreendendo-a como um processo que deve ter como referencial o

patrimônio cultura, considerando que este é um suporte fundamental para que a ação educativa seja aplicada[...]

Imprescindível reconhecer o papel e o valor do museu na formação cultural e na educação de um povo, onde é possível promover intercâmbio com diversos campos do conhecimento potencializados no desenvolvimento de ações de pesquisa, preservação e comunicação, reconhecendo no patrimônio cultural um instrumento de educação, de desenvolvimento e emancipação social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do estudo, a partir de um conjunto de autores, conceitos e proposições, buscou-se refletir sobre aspectos relevantes acerca da representatividade social inscrita e contextualizada no museu como espaço de consagração do poder simbólico e educativo no processo de o reconhecimento do cenário museológico como espaço de desenvolvimento cultural e social a partir de abordagens que contribuíram com desdobramentos reflexivos acerca dos construtos da Museologia, o poder simbólico e a Educação.

Relevantes contribuições de autores contemporâneos como Lima, Pinheiro, Scheiner, Santos, entre outros possibilitam vislumbrar novos desdobramentos no campo da Museologia e da Educação por trazer em suas pesquisas, perspectivas holísticas e transdisciplinares, na construção e desenvolvimento do museu como *locus* de registro da memória social, por possibilitar o desenvolvimento de uma linguagem crítica, capaz de contribuir para que o cidadão possa ver e expressar a realidade, qualificada como patrimônio cultural, expressar-se e transformar a realidade, configuradas a partir das visões de mundo, objetivando a construção de uma nova prática social.

O panorama aqui deslindado indica novas perspectivas sobre o museu e suas inscrições simbólicas e educativas no que tange à necessidade de responder aos atuais desafios em relação às questões da sociedade, que trilha o caminho incessante da transformação social.

Esboçando estudos iniciais verificou-se que o conhecimento, ao mesmo tempo em que interioriza as relações de poder que reproduzem o sistema de dominação enquanto subjetividade, também é o caminho para o reconhecimento de Bens Culturais como referência à Memória Social.

Este estudo, deixa entreaberta a porta para próximas e inevitáveis buscas investigativas, no que concerne à Museologia, a ordem simbólica e Educação e a sua relação com memória / sociedade / identidade / ética, identidade cultural e social que, em tempos

fluidos faz emergir a necessidade de recortes no real, que possam trazer à luz do conhecimento compreensões de símbolos que exponham e traduzam a linguagens culturais..

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1975.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 7.ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BRASIL. MEC. SEMTE. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2002.
- CARLOS, J. G. **Interdisciplinaridade no Ensino Médio: desafios e potencialidade**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- CARTA DA TRANSDISCIPLINARIDADE. In: Educação e transdisciplinaridade. Brasília: UNESCO/USP, 2000. In: **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 2001.
- CHARTIER, Roger . História intelectual e história das mentalidades. In: CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: DIFEL, 1990.
- CHAUÍ, Marilena. **Cidadania Cultural: o direito à cultura**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.
- DELOCHE, Bernard. **Museologica: contradiction et logique du musée**. 10. ed. rev. cor. Mâcon, FR: Édition W./M.N.E.S., 1989.
- DRSKA, Maria Angélica Marcondes. Memória e mudança espacial: migrantes nordestinos no Rio de Janeiro. In: : COSTA, Icléia T. Magalhães e ORRICO, Evelyn G. Dill (Org.). **Memória, Cultura e Sociedade**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.
- FARIA, Mayara Ferreira de; SONAGLIO, Kerlei Eniele. Perspectivas multi, pluri, inter e transdisciplinar no turismo. **Revista Iberoamericana de Turismo**, vol. 3, n.1, p. 71-85, 2013. Disponível em: file:///C:/Users/Unig/Downloads/806-3173-1-PB.pdf . Acesso em: 26 set. 2014.
- GARRUTTI, E. A.; SANTOS, S. R.. A interdisciplinaridade como forma de superar a fragmentação do conhecimento. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, v. 4, n. 2, 2004, p. 187-197.
- GEERTZ, C. (1989). **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

GROSFUGUEL, Ramón. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós coloniais**: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Trad. Inês Maria Ferreira, p.41-91. Texto estudado em disciplina de Patrimônio, Museologia, Educação e Interpretação do curso de Doutorado em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

GODOY, Karla Estelita. Ciberespaço e Memória. In: COSTA, Icléia T. Magalhães e ORRICO, Evelyn G. Dill (Org.). **Memória, Cultura e Sociedade**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HERNÁNDEZ, Francisca Hernández. **Planteamientos teóricos de la museología**. Espana: Ediciones Trea,S.L., 2006.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e Patologia do Saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. **O sonho transdisciplinar e as razões da Filosofia**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

KLEIN, Julie Thompson. **Crossing boundaries, knowledge disciplinarity and interdisciplinarity**. Charlottersville, London: University Press of Virginia, 1996.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Herança Cultural (re)interpretada ou a memória social e a instituição museu: releitura e reflexões. **Museologia e Patrimônio**, v.1. p. 33-43, 2008. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/4/2>>. Acesso em 10 fev. 2012.

_____. Documentação em Museus e Histórico de propriedade (provenance): restituição de obras de arte espoliadas pelos nazistas. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2010, Rio de Janeiro: **Anais**. XI ENANCIB, Ppgi_Ibict?Ufrj, 2010. P.1 Cd Rom. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/xi/enancibxi/paper/view/241/306> . Acesso em 25 nov 2012.

_____. Museologia e Patrimônio Interdisciplinar do campo: história de um desenho (inter)ativo. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2007, Salvador: **Anais**. VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação 28 a 31 de outubro de 2007, Salvador , Bahia , Brasil. Disponível em: <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/DMP--060.pdf>. Acesso 12 jun 2014.

LOUREIRO, Maria Lúcia de Niemeyer Matheus. Museu, informação e arte: a obra de arte como objeto museológico e fonte de informação. 1998. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – CNPq/IBICT-UFRJ/ECO, Rio de Janeiro, 1998. Orientadoras: Lena Vania Ribeiro Pinheiro e Maria Nélide González de Gómez.

MENEZES, E. T.; SANTOS, T. H. "Multidisciplinaridade" (verbetes). **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil**. São Paulo: Midiamix Editora, 2002. Disponível em: <http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=90>. Acesso em: 26 set.2014

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Confluências Interdisciplinares entre Ciência da informação e Museologia. **Revista do Programa do Programa de Pós-Graduação em Ciência da**

Informação da Universidade de Brasília. v.1, n.1, jan/jul, p. 7-31, 2012. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/viewFile/6840/6049>. Acesso em: 26 jun. 2014.

REIS, Maria Amélia dos Souza.; PINHEIRO, Maria do Rosário. Para uma pedagogia do museu: algumas reflexões. **Museologia e Patrimônio** - v.2 n. 1 - jan/jun de 2009. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.36.br/index.php/ppgpmus>>. Acesso em 05 out. 2011.

SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. **Encontros Museológicos: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu.** Rio de Janeiro: Minc/IFHAN/DEMU, 2008.

SCHEINER, Tereza C. M.; SOARES, Bruno, C. Brulon. **A ascensão dos museus comunitários e os patrimônios ‘comuns’: um ensaio sobre a casa.** 2010. Disponível em:<http://dci2.ccsa.ufpb.br:8080/jspui/bitstream>. Acesso em: 05 de out. 2011.

SCHEINER, Tereza Cristina M. Repensando o museu integral: do conceito às práticas. **Dossiê Museologia e Patrimônio. BOLETIM Ciências Humanas**, v.7, n.1. Jan/abr. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=S1981-81222012000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>>. Acesso em : 06/06/2012.

. Museologia ou Patrimoniologia: reflexões. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Cláudia Penha; NIEMEYER, Maria Lucia; LOUREIRO, Matheus. (Org.).**Museu e Museologia: Interfaces e Perspectivas/Museu de Astronomia e Ciências Afins. MAST Colloquia**, Rio de Janeiro: MCT, MAST, v.11, 2009.

STRÁNSKÝ, Z.Z. **Museology and Museums.** “Basic Paper”. Estocolmo: ICOFOM Study Series 12, 293-298, 1987.

UNESCO. Convention Concerning the Protection of the World Cultural and Natural Heritage- The General Conference of the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization meeting in Paris from 17 October to 21 November 1972. [ICOMOS] – International Council of Monuments and Sites. Disponível em: http://www.international.icomos.org/e_charte.htm>. Acesso em: junho – 2014

_____. 1992. Convenção da Diversidade Biológica. 2ª Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, Brasil. Disponível em: <http://www.cbd.int/text/>>. Acesso em 01 jun 2014.

VALENTE, Maria Ester Alvarez. Educação e Museus: a dimensão educativa do museu. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lucia N. M. (Orgs.). **MAST Colloquia - Museu e Museologia: interfaces e perspectivas.** Rio de Janeiro: MAST, 2009. v. 11, p. 83-98.